

# A filosofia e os desafios da educação contemporânea...

Philosophy and the contemporary educational  
challenges...

Prof. Dr. Antonio Joaquim Severino<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho e da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: ajsev@uol.com.br

---

Submetido em 28/05/2015  
Aprovado em 30/07/2015

---

**Resumo:** O propósito do ensaio é explicitar alguns elementos para uma reflexão sobre a imprescindibilidade da mediação da Filosofia nas tramas sócio-culturais da sociedade contemporânea, em que pesem as profundas mudanças pelas quais essa sociedade vem passando nos tempos de ingresso no terceiro milênio. As extensas e intensas transformações que desenham um novo cenário para a cultura humana, longe de descartarem a contribuição da formação filosófica, tornam-na ainda mais necessária. Defende, então, que se impõe, mais que nunca, fecundar a educação com um permanente debate sobre as dimensões éticas, políticas, estéticas, epistêmicas e antropológicas. Reafirma a missão por excelência da educação em geral e da educação universitária em particular com vistas a assegurar aos profissionais que habilita uma formação integral, que vá além da mera qualificação técnica. Ainda que assumindo uma perspectiva de universalidade, a reflexão se pauta na particularidade da situação concreta do contexto sociocultural da realidade brasileira contemporânea.

**Palavras chave:** Filosofia. Cultura. Educação.

---

**Abstract:** The purpose of the essay is to explain some elements to reflect on how essential is the mediation of Philosophy in social and cultural frames of contemporary society, in spite of the profound changes that this society has undergone in entry times in the third millennium. The extensive and intense transformations drawing a new scenario for human culture, far from discarding the philosophical training contribution, make it even more necessary. It defends, then, that imposes more than ever, fertilize education with a permanent debate on the ethical, political, aesthetic, epistemological and anthropological. It reaffirms the mission par excellence of education in general and university education in particular in order to ensure that professionals that enables a comprehensive education that goes beyond mere technical expertise. Although assuming a universal perspective, reflection is guided in particular the concrete situation of the sociocultural context of contemporary Brazilian reality.

**Keywords:** Philosophy. Culture. Education.

## Introdução

Ainda que esteja convicto de que a humanidade tenha uma história contínua, creio ser necessário reconhecer que nos encontramos hoje, sem nenhuma dúvida, num mundo bem distinto daquele dos últimos 40 anos do século XX. No que concerne à vida da espécie humana, entendo que o pressuposto da continuidade histórica convive dialeticamente com aquele da ruptura e da transformação. Por sua vez, a educação tem presença importante na condução desse processo, respondendo tanto pela preservação da vida social como pela sua transformação.

A geração dos que agora beiramos os 70 anos de idade pode testemunhar mudanças muito fortes que ora desenham um cenário bem diferente. Por isso mesmo, ao falar da necessidade e da importância da Filosofia hoje, é preciso começar por iluminar esse cenário, mapear os atuais meandros da sociedade contemporânea, olhar através das tramas socioculturais que redesenham nossa circunstância histórica.

O nosso parece ser, com efeito, um novo tempo, a exigir, sem dúvida, um novo pacto educativo... A partir dos anos 80 do século findo, o Brasil, como de resto, todo o terceiro mundo, vem sendo instado a inserir-se no novo processo de desenvolvimento econômico e social do capitalismo em expansão. Os grandes agentes desse capitalismo internacional sem pátria impõem, via mecanismos propriamente econômicos, a adoção de suas práticas produtivas, monetárias e financeiras, comprometendo todos os países através de acordos mundiais e exigindo também adequações nos campos político e cultural (Ianni, 1992; Ortiz, 1994; 1996; Chesnais, 1996). A meta continua sendo aquela da plena expansão do próprio capitalismo, agora sem concorrências ideológicas significativas e numa perspectiva declarada de globalização. Fala-se então da agenda neoliberal, ou seja, de uma retomada dos princípios do liberalismo clássico, mas com a devida correção daqueles seus

desvios considerados humanísticos. (Carvalho, 2004; Gentili, 1995; Paulani, 2006).

De acordo com essa doutrina neoliberal, alguns posicionamentos se tornam preponderantes. De um lado, a total liberação das forças do mercado, a quem cabe a efetiva condução da vida das nações e das pessoas. Daí a pregação do livre comércio, da estabilização macro-econômica e das reformas estruturais necessárias, em todos os países, para que o sistema tenha alcance mundial e possa funcionar adequadamente. De outro lado, a formulação de uma severa crítica ao Estado do Bem-Estar Social, que deve ser reduzido a um estado mínimo, em seu papel e funções. Na verdade, a sua redução a mero regulador da administração dos recursos coletivos em benefício de interesses privados dos grupos econômicos dominantes na sociedade. Os interesses da maioria da população não constituem referências para a implementação das macropolíticas de alcance social. A iniciativa política deve dar prioridade à iniciativa econômica dos agentes privados. Graças à impressionante revolução tecnológica, mormente na esfera da informática, que elimina as distâncias de tempo e de espaço, mudam-se igualmente as relações industriais, o sistema do trabalho e o gerenciamento da produção. Os mercados financeiros são liberados e expandidos. Os estados nacionais tornam-se reféns das políticas internacionais do grande capital. A política interna dos países, por sua vez, é forçada a esse ajuste econômico, impondo a queda dos salários reais, o crescimento do desemprego estrutural, a estatização da dívida externa e a elevação da taxa de juros (Lombardi, 2004; Frigotto, 2006).

Esta situação vem marcada também na sociedade brasileira das últimas décadas, confirmando aquela contradição do processo historicossocial inicialmente referido, no qual mudanças substantivas convivem intensamente com a continuidade da mesma configuração estrutural das sociedades históricas concretas. O novo não elimina o velho. O que estamos vivenciando é uma transformação adaptativa do mesmo capitalismo que vai mantendo,

com eventuais ajustes que consolidam e aprimoram seus mecanismos internos, os seus objetivos e finalidades.

Essa forma atual de expressão histórica do capitalismo, ora sob predomínio do capital financeiro, conduzido de acordo com as regras de um neoliberalismo desenfreado, num momento histórico marcado por um irreversível processo de globalização econômica e cultural, produz um cenário existencial onde as referências ético-políticas perdem sua força na orientação do comportamento das pessoas, trazendo descrédito e desqualificação para a educação. Ao mesmo tempo em que, pelas regras da condução da vida econômica e social, instaura um quadro de grande injustiça social, sonhando para a maioria das pessoas as condições objetivas mínimas para uma subsistência num patamar básico de qualidade de vida, interfere profundamente na constituição da subjetividade, no processo de subjetivação, manipulando e desestabilizando valores e critérios. Prevalece um espírito de niilismo axiológico, de esvaziamento de todos os valores, de fim das utopias e metanarrativas, da esperança de um futuro melhor, de incapacidade de construir projetos. A eficiência e a produtividade, do lado da produção, e o consumo compulsório, do lado dos indivíduos, são os únicos critérios válidos a se levar em conta. Para essa ideologia, que é sustentáculo subjetivo do empreendimento capitalista, cabe aos indivíduos alcançarem seus objetivos, melhorarem suas condições de vida, articulando-se ativamente aos processos determinantes do mercado, praticando-o competitivamente, de acordo com a máxima segundo a qual cada um deve cuidar de si mesmo enquanto o mercado cuida de todos (Severino, 2006; Paulani, 2006; Gentili, 1995).

### **A sociabilidade neoliberal e seu impacto na subjetivação dos indivíduos**

Configura-se então uma sociabilidade típica desse contexto neoliberal, que se constitui atrelada a profundas mudanças provocadas pelas injunções dessa etapa da economia capitalista, na esfera do trabalho, da cidadania e da

cultura. Como se pode constatar pelos dados fornecidos por estudiosos (Pochmann, 2006) e pelo próprio sistema (Brasil, 2014), a ocorrência de situações de degradação, no mundo técnico e produtivo do trabalho, de opressão, na esfera da vida social e de alienação, no universo cultural. Estas condições manifestam-se, em que pesem as alegações em contrário de variados discursos, como profundamente adversas à formação humana, o que tem levado a um crescente descrédito quanto ao papel e à relevância da educação, como processo intencional e sistemático.

Nesse contexto da história real, a educação é interpelada pela dura determinação dessa realidade, no que diz respeito às condições objetivas da existência. Numa profunda inserção histórico-social, a educação é serva da história. Aqui se paga tributo a nossa condição existencial de seres encarnados e, como tais, profundamente pré-determinados. Uma lógica perversa compromete o esforço da humanização. São adversas as condições para se assegurar a qualidade necessária para a educação. Como bem mostra o exemplo do Estado brasileiro, pronuncia-se um discurso muito elogioso e favorável à educação, mas a prática real da sociedade política e das forças econômicas neste atual estágio histórico não corresponde ao conteúdo desse discurso. O discurso se pauta em princípios e valores elevados que não são sustentados nas condições objetivas de sua realização histórica no plano da realidade social.

Já no plano da subjetividade, utilizando-se de diferentes modalidades de intervenções ideológicas, particularmente através dos meios de comunicação, o sistema atua fortemente no processo da subjetivação humana. Numa frente, opera a subversão do desejo, deturpando a significação do prazer, não se investindo adequadamente no aprimoramento da sensibilidade estética. Açulam-se os corpos no sentido de fazer deles fogueiras insaciáveis de prazer que jamais será satisfeito. Ocorre total regressão do estético. Embora prometa a felicidade, não gera condições para sua efetiva realização por todas as

peças. Subverte também a vontade, impedindo o exercício de sua liberdade, não deixando que o homem pratique sua condição de igualdade: não investe na formação do cidadão, ou seja, aquele que pode agir livremente numa sociedade de iguais. Propaga a idéia de uma democracia puramente formal. Não tem por meta o cidadão, mas o contribuinte, que habita o *locus* social mas não compartilha efetivamente de sua constituição, não compartilha das decisões que instauram o processo político-social. Toda essa enviesada pedagogia, ao invés de levar os sujeitos a entender-se no mundo, mistifica o mundo, manipulando-o para produzir a ilusão da felicidade. Prosperidade prometida mas nunca realizada. Leva ao individualismo egoísta e narcísico, simulacro do sujeito autônomo e livre. Substitui o ser pelo ter, como se a plenitude de nossa existência se realizasse pela posse, pela acumulação e pelo consumo de maior número de bens, esvaziados de seu valor de uso e fetichizados em seu valor de troca.

Subverte ainda a prática do conhecimento, eliminando o seu processamento como construção dos objetos que são conhecidos. Torna-se mero produto e não mais processo, experiência de criatividade, de criticidade e de competência. É literalmente tecnicado, objetivado, empacotado, não precisando ser construído, bastando que seja comprado. A própria ciência é vista como conhecimento eminentemente técnico, o que vem a ser um conceito autocontraditório. Todas as demais formas de saber são desqualificadas sob alegação de seus compromissos com metanarrativas infundadas. Daí a generalização do ceticismo e o relativismo.

Nesse contexto, prospera uma ética hedonista baseada no individualismo, de traço narcísico, que vê o homem como se fosse um átomo solto, vivendo em torno de si mesmo, numa sensibilidade ligada apenas ao espetáculo. Puro culto ao prazer que se pretende alcançar pelo consumo compulsivo e desregrado dos bens do mercado. Esta lógica fundada na exacerbada valorização de uma suposta autonomia e suficiência do sujeito

individual, no apelo ao consumo desenfreado, compromete o reconhecimento e a reafirmação dos valores universais da igualdade, da justiça e da equidade, referências necessárias para uma concepção mais consistente da humanidade, alicerçada no valor básico da dignidade humana.

Coagida pela pressão das determinações objetivas, de um lado, e pelas interferências subjetivas, de outro, a educação é presa fácil do enviesamento ideológico, que manipula as intenções e obscurece os caminhos, confundindo objetivos com interesses. Tal situação aumenta e agrava o desafio que a educação enfrenta em sua dialética tarefa de, simultânea e contraditoriamente, inserir os sujeitos educandos nas malhas culturais de sua sociedade e de levá-los a criticar e a superar essa inserção; fazer um investimento na conformação das pessoas a sua cultura ao mesmo tempo que precisa leva-las a se tornarem agentes da transformação dessa cultura (Severino, 1986; 2001).

### **Como fica o humanismo na atualidade?**

Por outro lado, impõe-se esclarecer preliminarmente qual o sentido em que se pode falar então de uma cultura humanística nestas mudadas circunstâncias. Obviamente, como já dito de início, não está mais em pauta aquela proposta de realização da essência humana, como se já tivéssemos, de todo o sempre, o modelo ideal de existência que caberia apenas desabrochar, para o que a educação seria a via mais adequada.

Há que se insistir em que a substância do existir humano é a prática. Isso quer dizer que a existência humana se tece fundamentalmente pela ação, ou seja, ela se constitui efetivamente pelo conjunto das atividades práticas que os homens desenvolvem na concretude espaço-temporal. O existir, para os homens, o seu viver, é antes de tudo desdobrar-se pelo agir numa interação permanente e intensa com os dados da natureza física do mundo material, com os outros homens na sociedade e com as construções simbólicas,

subjetivamente produzidas pela sua consciência e guardadas pela memória e, no plano objetivo, conservadas pela cultura..

A existência humana é, portanto, uma existência mediada, ou seja, ela só se realiza através das mediações objetivas de ações concretas. Esta compreensão do existir humano contrapõe-se àquela que fundasse esse existir numa essência metafísica ou numa natureza física, na medida em que essas categorias demarcam condições previamente estabelecidas e acabadas, como se configurassem um modo de ser específico do homem (Severino, 2001).

E a especificidade do humano só pode ser captada pela apreensão dessas mediações. Embora essa apreensão se realize graças ao conhecimento, todas as mediações se expressam concretamente como atividades práticas, quais sejam, a prática produtiva, a prática política e a prática simbolizadora que constituem as esferas respectivamente do trabalho, da sociabilidade e da cultura.

O conhecimento que a humanidade já pode produzir sobre si mesma, graças às contribuições de todas as modalidades de saber, leva à conclusão de que a existência/essência humana é fundamentalmente prática, ação, atividade. E enquanto tal é um processo que só pode desdobrar-se num espaço social e num tempo histórico, tratando-se, portanto, sempre de uma prática histórico-social.

Sendo a prática a substância do existir, então só se é algo mediante um contínuo processo de agir, só se é algo mediante a ação. Por isso, ao contrário do que pensavam os metafísicos clássicos, no caso do homem, não é o *agir que decorre do ser*, mas é o *modo de ser que decorre do agir*. É a ação que delinea, circunscreve e determina a essência dos homens, ao configurar sua existência concreta. É na e pela prática que as coisas humanas efetivamente acontecem, adquirindo aquela forma graças à qual se tornam especificamente humanas. Mas a prática humana é uma prática diferenciada, ela ocorre A prática humana mediante um processo complexo, constituindo-se por múltiplos aspectos e

incorporando especificidades que a distinguem das ações dos outros seres e das outras esferas do ser. Por isso, ela se torna eminentemente *praxis*, entendida esta como aquela prática mediante a qual, ao intervir na natureza, na sociedade e na cultura, o homem transforma a si mesmo, vai se construindo. É a forte interação da subjetividade, por parte do homem, com a objetividade, constitutiva da realidade do mundo, que faz de sua ação uma práxis, pois é por essa interação que a realidade objetiva pode ser transformada tanto quanto o é o sujeito agente. Cabe então dizer que toda ação humana, em sua condição de práxis, é sempre impregnada por uma intencionalidade, é portadora de um sentido humano, explicitável por sua consciência reflexiva.

Desse modo, a *praxis* não deve ser vista como uma atividade puramente técnica contraposta à teoria, mas sim como determinação da existência humana como elaboração da realidade. “A *praxis* na sua essência e universalidade é a revelação do segredo do homem como ser onto-criativo, como ser que *cria* a realidade (humano-social) e que, *portanto*, compreende a realidade (humana e não-humana, a realidade na sua totalidade)” (Kosik, 1986. p. 202).

### **Do sentido da formação humana**

E por fim é preciso ainda esclarecer o que se entende por formação humana para que se possa delinear a presença da Filosofia na dinâmica da educação em todos os seus níveis e modalidades e, particularmente no ensino superior.

Por formação deve-se entender o processo do devir humano como devir humanizador, mediante o qual o indivíduo natural devém um ser cultural, uma pessoa. Está em pauta a ideia do alcance de um modo de ser, mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo. Uma situação de plena humanidade na qual o sujeito

encontra-se menos determinado em suas ações por forças heterônomas a sua vontade livre, quando os condicionamentos inerentes a sua condição natural e social atuam tão somente como a priori existenciais, como lastros de seu existir concreto como parte da natureza e integrante da sociedade.

Como mediadora da formação, a educação vai muito além de sua expressão institucional e instrucional, sua face visível, realizando-se fundamentalmente como um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva. A interação docente é mediação universal e fundamental dessa formação tendo-se em vista a condição da educabilidade do homem.

Trata-se, sem dúvida, de um objetivo de difícil consecução, frente à dura realidade histórica de nossa existência. Mas é um horizonte a não se perder de vista e a ser constantemente buscado, mesmo diante das limitações da civilização atual, por mais que sejam degradantes, na esfera técnica e produtiva do trabalho, opressivas, na esfera da vida social e alienantes, no universo cultural. Estas condições são profundamente adversas à formação, o que tem levado a um crescente descrédito quanto ao papel e à relevância da educação, como processo intencional e sistemático. Mas em que pese esta situação degradada do momento histórico-social que atravessamos, ela aguça o desafio da formação humana, necessária pelas carências ônticas e pela contingência ontológica dos homens, graças à educabilidade humana. Para além da necessária habilitação técnica, o que está em pauta, quando se fala da profissionalização perseguida pelo ensino superior é uma educação integral, garantia e base da formação de uma personalidade integral.

### **A formação filosófica como exigência intrínseca da formação universitária**

É nesse contexto tão complexo e problemático do ensino superior brasileiro que se pode perceber, com maior clareza, o papel da Filosofia. A

discussão sobre a razão de ser da Filosofia no ensino superior recoloca-se no âmago dessa problemática, relacionada às finalidades formativas desse nível de ensino. Afinal, o que está em causa é a concepção da formação humana que se espera da Universidade que vai justificar a necessidade da presença da filosofia nas mediações curriculares dos cursos universitários. Se o objetivo da Universidade for o de propiciar apenas uma preparação técnica para o mundo da produção, uma habilitação pragmática de profissionais para o mercado de trabalho, então a filosofia torna-se mesmo dispensável, desnecessária e até mesmo prejudicial.

Por isso, até para colocar em debate a simples presença da filosofia na formação universitária, impõe-se admitir como premissa básica que a Universidade se destina a algo mais que certificar profissionais tecnicamente habilitados. Igualmente, só a partir desse pressuposto, cabe discutir mediações possíveis para que se possa realizar a formação filosófica.

Defendo, então, que a finalidade da educação superior não pode exaurir-se nesse perfil de profissionalização técnica. E que, além desse obviamente necessário preparo técnico dos profissionais e da fundamentação científica que lhe deve servir de lastro, a educação superior precisa investir profundamente na formação geral dos estudantes, assegurando-lhes sólida base cultural. E que esta formação humana, para além de qualquer retórica idealista, tem tudo a ver com uma forma aprimorada do existir das pessoas humanas, historicamente situadas. Uma referência muito concreta e objetiva à maturidade intelectual das pessoas e à percepção do papel do conhecimento no processo histórico de constituição dos sujeitos de construção da humanidade.

O conhecimento, apesar de todas as suas limitações e contradições, é o principal instrumento de que dispõe a espécie humana para dar sentido a sua existência. Sem dúvida, pressupõe-se igualmente que a existência humana

tenha que ter algum sentido ainda que ele tenha de ser constituído pelos próprios homens.

Não creio procedente o discurso, frequente nos dias atuais, de que não existe um sentido para o existir humano, perdido que se encontra o ser humano na pura facticidade do mundo. Sem dúvida, o sentido não está inscrito a priori na realidade objetiva, ele precisa ser configurado pelos próprios homens. A nós cabe estabelecer esse sentido, para o que estamos devidamente equipados com os recursos do conhecimento e da vontade. É por isso que se pode dizer que somos nós que atribuímos sentido a nossa existência.

Assim, a Filosofia é uma atividade de reflexão, uma modalidade de exercício da subjetividade cognoscitiva que se envolve exatamente com o delineamento desse sentido, articulando e complementando todas as outras modalidades congêneres, num esforço conjunto e convergente com vistas à elucidação do sentido da existência e do esclarecimento de referências para a orientação da prática humana, na contingência da história, o grande processo mediador de sua existência.

Em que pesem todos os seus tropeços e ambiguidades, não é senão a efetivação dessa prática reflexiva o que se pode ver ao longo da milenar trajetória da produção filosófica em todas as culturas com expressão histórica. Não foi a outra a pretensão e a intenção de todos aqueles pensadores, considerados filósofos pelas diferentes culturas, em todas as épocas históricas. Quaisquer que tenham sido as formas que essas atividades assumiam, tanto num plano lógico-epistêmico como no plano de suas linguagens, elas sempre se apresentaram com a pretensão de esclarecer o entendimento que os homens têm dos diferentes aspectos de sua existência no mundo, propondo referências para que a condução de suas práticas, seja feita de uma determinada maneira, ainda quando isso é dito de forma mais implícita do que explícita.

### **Filosofar é pensar o real...**

Assumo, pois, a significação da filosofia como modalidade de saber que se refere à realidade, à densidade do real, por mais opaca e resistente que seja a esse nosso olhar. Este é o significado nuclear que é a fonte dinamizadora de todo empreendimento elucidador realizado pelo conhecimento, mesmo quando se exerce concretamente por formas indiretas. O que quero dizer é que filosofar é pensar o real, quaisquer que sejam as formas históricas e concretas mediante as quais esse real se manifeste à nossa experiência. Assim, mesmo quando a reflexão se dedica ao entendimento do próprio processo do conhecer, por exemplo, quando pensa a ciência, a arte, a religião, mesmo quando se debruça sobre o pensamento objetivado no texto, ela visa, ao fim e ao cabo, pensar o sentido da realidade mediatizada particularmente no ser humano.

Por isso mesmo, todas as definições que se tem dado à filosofia, como por exemplo, a “de produzir conceitos”, “de validar a ciência”, de escoimar a linguagem de seus vícios lógico-linguísticos, só podem sustentar-se se, em última análise, isto seja feito com o objetivo primordial de contribuir para o esclarecimento do significado de existir humano na história. A razão fundamental de ser de todo pensamento é o de investir nessa elucidação. É claro que isso não é feito só pela filosofia; ao contrário, a contribuição de todas as outras modalidades de conhecimento, de todas outras formas de exercício da subjetividade, é significativa e imprescindível para que se se aproxime, ao longo do desenrolar da prática investigativa e reflexiva, desse sentido do existir histórico-social do homem, ou seja, para que os homens possam ir constituindo subjetivamente a cultura objetiva de seu mundo. Esta parece ser a tarefa fundamental da própria humanidade: humanizar, cada vez mais sua condição que emerge enraizada no mundo pré-humano da natureza e de seus determinismos? É, pois, como tarefa do coletivo humano que o

conhecimento deve se exercer na sua plenitude. Ele é estratégia fundamental da vida da espécie. E é por isso que o desenvolvimento da capacidade de reflexão filosófica, tanto quanto das demais modalidades de exercício da subjetividade, se torna relevante no caso de toda formação profissional e, *a fortiori*, no nível da formação universitária. Essa capacidade de pensar a totalidade, de forma integrada, é dimensão imprescindível na formação profissional, sob pena de se transformar essa em mera habilitação técnico-operacional, mecânica, vazia de significado humano.

A ausência de uma iniciativa pedagógica destinada a suscitar uma reflexão sistemática, envolvendo uma dimensão crítica, não evita o exercício de pensamento. Só que se ocorrer essa ausência, esse vácuo será ocupado por um pensar alienado e dogmático, fortemente ideologizado. A ideologia faz então a defesa do pragmatismo na formação universitária, falseando o papel do conhecimento e do ensino. Argumentos pretensamente sólidos são apresentados para legitimar essa pragmaticidade da formação profissional, inclusive desqualificando as propostas educacionais de perfil humanístico. Por mais que seja exitosa essa postura em nosso contexto cultural e acadêmico, ela não deixa de provar a necessidade de uma justificação do investimento educativo: na falta de uma filosofia crítica, avança-se uma racionalização dogmática, sonhando-se aos estudantes uma perspectiva de abordagem mais sistemática e crítica da realidade histórica dos homens (Severino, 2011).

## **Conclusão**

O que está, pois, em jogo, na formação que se espera a Universidade forneça aos estudantes de todas as áreas, independentemente de sua destinação profissional, é o desenvolvimento, o suscitar e o amadurecer dessa capacidade de reflexão integradora das significações, de modo que todo profissional se torne um “pensador”, não no sentido de uma especialização separada, mas de alguém que tenha desenvolvido sua sensibilidade intelectual

à condição de sua existência histórica, como pessoa inserida num tempo histórico e num espaço social, tornando-se o mais capaz possível de inserir o micro-sentido de seu existir pessoal no macro-sentido de seu existir social, passando a viver nas coordenadas de um projeto comum.

Sem dúvida, estamos falando de um horizonte ideal, de uma referência teleológica, pois, o existir histórico vai se dando na objetividade dura e resistente do real. Muitos são os obstáculos, os impasses a serem enfrentados, levando-se em conta os *a priori* existenciais que nos condicionam em nossa facticidade, contingência e finitude. Uma radical imanência que é, no entanto, impregnada pela transcendência da significação humanizadora. A existência histórica dos homens é, em decorrência disso, uma dura luta, uma epopéia, uma lenta e dolorida caminhada, sem ponto de chegada definido.

E nesse entrevero diuturno, o conhecimento é a ferramenta mais específica com que o homem pode contar, desde que não tenha seu exercício reduzido a sua eficácia técnica. Está aí a razão de ser da própria filosofia, uma das dimensões do exercício da subjetividade humana, a mostrar essa capacidade de se ir além dos limites do manejo técnico do mundo na reprodução da vida material da espécie.

A justificativa da necessidade da filosofia no ensino superior encontra-se nessa finalidade intrínseca da educação como formação integral das pessoas, à vista de seus compromissos com a própria humanidade. Assim, cabe também ao ensino superior fomentar e subsidiar o desenvolvimento ao máximo da racionalidade filosófica dos estudantes, futuros profissionais, numa dupla direção: numa frente, esclarecendo o sentido da existência e, noutra, afastando o ofuscamento ideológico dos vários discursos. Construir uma contra-ideologia como ideologia universalizante que coloca os produtos do conhecimento para atender os interesses da totalidade dos homens.

## Referências

CARVALHO, Cristina H. A. de. **Agenda neoliberal e a política pública para o ensino superior nos anos 90**. Caxambu: Anped, 2004. Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Anual.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje. In: FRANÇA LIMA, Júlio C. e NEVES, Lúcia M. W. **Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Esc. Pol. de Saúde J. Venâncio, 2006. P. 241-288.

GENTILLI, Pablo e SILVA, Tomaz T. da. (orgs.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

BRASIL. IBGE. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisas.php>, 2014.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D; SANFELICE, J. L (orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato. **Um outro território: ensaios sobre a mundialização**. 2 ed.ampliada. São Paulo: Olho D´Água, 1996.

PAULANI, Leda. O projeto neoliberal para a sociedade brasileira: sua dinâmica e seus impasses. In: FRANÇA LIMA, Júlio C. e NEVES, Lúcia M. W. **Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Esc. Pol. de Saúde J. Venâncio, 2006. p. 67-108.

POCHMANN, Márcio. Economia brasileira hoje: seus principais problemas. In: FRANÇA LIMA, Júlio C. e NEVES, Lúcia M. W. **Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Esc. Pol. de Saúde J. Venâncio, 2006. p. 109-132.

SEVERINO, Antônio J. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d´Água, 2001.

SEVERINO, Antônio J. Fundamentos ético-políticos da educação no Brasil de hoje. In: FRANÇA LIMA, Júlio C. e NEVES, Lúcia M. W. **Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Esc. Pol. de Saúde J. Venâncio, 2006. p. 289-320.

SEVERINO, Antônio J. **Educação e ideologia**. São Paulo: 1986.

SEVERINO, Antônio J. **Filosofia na formação universitária**. São Paulo: Arte Livros, 2011.